

“IDENTIDADE E MODA NA CONSTRUÇÃO DA INDUMENTÁRIA ‘TÍPICA’ DA MULHER GAÚCHA”

Edinéia Pereira da Silva Betta¹ (Design de Moda, UNIFEBE)

Esta pesquisa teve como objetivo identificar e analisar os indícios históricos atemporais presentes na indumentária “típica” da mulher gaúcha, instituída pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, identificando os elementos selecionados de determinados períodos históricos, que levaram à criação de uma vestimenta imbuída de normas e preceitos de civilidade. Como fontes foram utilizadas os regulamentos, elaborados por grupos culturais rio-grandenses e leis e com o fenômeno moda, fator que interferiu na criação da referida indumentária. A vestimenta, tida como “típica” do gaúcho, foi construída a partir de elementos, selecionados pelo grupo de interesse, que estavam na moda nos períodos selecionados e que não eram usados exclusivamente pelo gaúcho.

Palavras-chave: Indumentária. Identidade. Gaúcho.

Abstract

This research aimed to identify and analyze the historical evidence found in timeless clothing "typical" woman's Gaucho, Gaucho Traditionalist Movement established by identifying the selected elements of certain historical periods, which led to the creation of a garment steeped in rules and precepts of civility. Sources were used as the regulations drawn up by cultural groups and laws Rio Grande and the fashion phenomenon, a factor that interfered with the creation of such clothing. The dress, dubbed the "typical" gaucho, was built from elements selected by the interest group, elements that were in fashion in selected periods and were not used exclusively by Gaucho in the analyzed period (1865 - 1950), so there these can be considered typical.

Keywords: Indumentary. Identity. *Gaúchos*.

O século XIX foi marcado por inúmeras obras sobre o gaúcho, iniciando um processo de resgate da sua figura, principalmente por meio da literatura, porém trazendo um gaúcho idealizado. O gaúcho deixa o domínio da história para penetrar no domínio do folclore e da lenda heroica. A figura do gaúcho passa por algumas transformações, em diferentes contextos e momentos

¹Professora de História da Moda e Estética no Curso de Design de Moda do Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE, Graduada em História, Especialista em História Cultural pela FACEL e Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

históricos até os dias atuais, processo no qual passa a adquirir a imagem de herói. Neste processo de recriação, o gaúcho torna-se um mito, e sofre uma série de transformações intencionais, como homem forte e virtuoso, possuidor de inúmeros conceitos e valores simbólicos, devido a suas habilidades nas atividades campeiras, sua participação nas guerras e nas demarcações das fronteiras.

O gaúcho foi o escolhido para servir de modelo histórico individual, em torno do qual os sul-rio-grandenses passariam a ser identificados. Criou-se em torno do referido personagem um forte sistema de símbolos e representação, idealizados a partir de indícios de um passado atemporal, nem sempre presentes no espaço do personagem.

Com o passar do tempo, foram criadas práticas, utilizadas como forma de reafirmação de identidade, entre elas se destaca a criação de uma indumentária “típica”, onde a pesquisa se desenvolve com o objetivo identificar e analisar os indícios históricos atemporais presentes na indumentária “típica” da mulher gaúcha, identificando os elementos selecionados de determinados períodos históricos, que levaram à criação de uma vestimenta imbuída de normas e preceitos de civilidade. Como fontes foram utilizadas os regulamentos, elaborados por grupos culturais rio-grandenses, Leis que regulam a vestimenta, confrontando com vestimentas de outras regiões e com o fenômeno moda, fator que interferiu na criação da referida indumentária, a partir de revistas de moda do período (1865 – 1959).

A escolha do objeto de estudo é consequência de minhas pesquisas de mestrado. Em minha dissertação, trabalhei a construção de uma memória gaúcha e, por conseguinte as diversas formas de representação usada pelo tradicionalista gaúcho, atuando no campo na imagem, enquanto representação, através de monumentos, fotografias e indumentária.

Definindo símbolos a serem seguidos

A fim de fortalecer a identidade escolhida, pois a identidade não nasce conosco, é formada no interior da representação (HALL, 2006), alguns símbolos foram sendo elaborados, inclusive de forma organizada, pois surgem entidades específicas, dedicadas a elaboração e seleção, do que seria ou não

práticas do gaúcho. As entidades gaúchas iniciaram como associações e atualmente são constituídas como Organizações Não Governamentais (ONGs), que criam e regulam as experiências culturais gaúchas, e se alto intitulam como entidades tradicionalistas gaúchas, responsáveis por conservar as “tradições”.

As entidades gaúchas surgem na cidade de Porto Alegre. A primeira delas foi *Partenon* Literário em 1868. Uma entidade decisiva para o regionalismo gauchesco, que tinha como objetivo, difundir uma atividade intelectual, buscando a exaltação da temática regional gaúcha através de contos, romances, bibliotecas, cursos, peças teatrais e diversas obras literárias, procurando sempre exaltar o regionalismo, o que mais tarde serviria para desenvolver o gauchismo (FAGUNDES, 1994).

No final do século XIX, surge a primeira agremiação de gaúchos no Rio Grande do Sul, o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, entidade voltada às tradições, através da promoção de festas, desfiles de cavalarianos, palestras, enfim. Fundada em 1898, por João Cezimbra Jacques, os objetivos do Grêmio, era cultivar elementos que viessem enaltecer o povo rio-grandense, destacando positivamente no cenário nacional e internacional através de datas comemorativas, usos e costumes do passado, solenidades que, não só relembrem e elogiem o acontecimento pelo verbo e pelo discurso, como também através de práticas (OLIVEN, 2006).

Posterior à fundação desta primeira entidade, surgem outras com objetivos semelhantes, em 1899 é fundada a União Gaúcha de Pelotas, o Centro Gaúcho de Bagé. O Grêmio Gaúcho de Santa Maria é fundado em 1901, inspirado na entidade de mesmo nome existente em Porto Alegre. Cria-se ainda a Sociedade Gaúcha Lomba-grandense, fundada na área de colonização alemã, em 1938, e o Clube Farroupilha de Ijuí, fundado em área de colonização alemã e italiana, em 1943. Todas com objetivos semelhantes ao Grêmio Gaúcho de Porto Alegre (SAVARIS, 2008).

Em meados do século XX, após o Estado Novo, o gaúcho vai tomar proporções ainda mais significativas e proliferar pelo Brasil e até pelo mundo, com a ideia de “gaúcho tradicionalista”, fundando os Centros de Tradições Gaúchas, que terão os mesmos objetivos das associações gaúchas criadas até então, porém de forma mais intensa.

A partir daí, inicia uma ampla marcha para o culto à uma “tradição inventada”. As entidades passam a criar práticas, buscando cada vez mais símbolos no passado, a fim de fortalecer o mito do gaúcho herói. As práticas almejam implantar nas mentes “certos valores e normas de comportamento através da repetição. (...) Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado”(HOBBSAWM, RANGER, 2008,p.9).

A análise do conjunto de práticas tradicionalistas, o modo como esses tradicionalistas iniciaram esse culto, o processo que iniciou a construção deste gaúcho, nada mais era que a busca por uma identidade idealizada por convenções que resultaram em um amplo “sistema de símbolos”, sejam eles por meio de imagens mentais ou visuais, formaram efeitos de verdade, e me direciona a defendê-lo como uma “comunidade imaginada”(ANDERSON, 2008, p.10), por grupos de pessoas com interesses em comum, que vai muito além de uma invenção.

Neste processo de inovação cultural bastante eficiente, na elaboração das prática, diversas simbologias foram sendo criadas, as músicas, as danças e principalmente a indumentária, considerada “típica gaúcha”, com a finalidade de estruturar a entidade a partir de metáforas, afirmando ser a preservação da história gaúcha, dos usos e costumes do gaúcho, sendo constantemente reatualizada pelas próprias entidades gaúchas que fazem a manutenção deste mito. Segundo Sandra Pesavento:

Todo esse processo de criação de um mito, ou de um estereótipo sobre o Rio Grande e seu povo é extremamente significativo para que se possa apreciar o espaço de atuação de um grupo na sociedade, instrumentalizando ideologicamente uma noção de história para legitimar sua posição de predomínio e hegemonia na sociedade.(1989, p. 55)

O orgulho diante de todo o processo de criação do mito incluiu o grupo num segmento com características inéditas diante de uma grande sociedade, colocando-os em uma posição de apreciação nesta sociedade, e os símbolos baseados em uma história por eles buscada, veio legitimar sua posição de predomínio.

Neste contexto, a indumentária “típica gaúcha” surge como um dos principais símbolos dessa “comunidade imaginada gaúcha”², e com a proliferação dessa tradição inventada, a partir das referidas entidades é, facilmente, possível identificar seus seguidores a partir da indumentária “típica” gaúcha. Pois,, assim como nos séculos anteriores, as roupas constituíam o principal meio de identificação do indivíduo no espaço público (CRANE, 2006).

Indumentária “típica” das tradições gaúchas ou consequência da moda do período?

No momento em que os chamados CTGs, relembram e elogiam acontecimentos através de solenidades, fica claro que há uma intenção de buscar um passado idealizado como forma de identidade, sempre selecionando o que há de melhor neste passado, o qual podemos chamar de atemporal, com espaço de tempo variável. Com a indumentária não será diferente. É necessário criar uma vestimenta para a mulher, e que acompanhe a identidade criada para o gaúcho.

Após definidas as indumentárias que fariam parte do universo gaúcho, no decorrer do século XIX e XX, as comunidades regulamentam, para que sejam preservadas como tradições as vestimentas previamente idealizadas, inclusive aprovadas por Lei. Segue a Lei estadual Estadual Nº 8.813, de 10 de janeiro de 1989 de autoria do Deputado Sr. Joaquim Moncks:

Art. 1º. - É oficializado como traje de honra e de uso preferencial no Rio Grande do Sul, para ambos os sexos, a indumentária denominada "Pilcha Gaúcha". Parágrafo Único - Será considerada "Pilcha Gaúcha" somente aquela que, com autenticidade, reproduza com elegância, a sobriedade da nossa indumentária histórica, conforme os ditames e as diretrizes traçadas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Art. 2º. - A "Pilcha Gaúcha" poderá substituir o traje convencional em todos os atos oficiais públicos ou privados realizados no Rio Grande do Sul.

Art. 3º. - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º. - Revogam-se as disposições em contrário.

Assembléia Legislativa do Estado, em Porto Alegre , 10 de janeiro de 1989.

² Após pesquisas sobre o Tradicionalismo Gaúcho, inclusive já defendida em minha dissertação de mestrado, vejo o tradicionalismo gaúcho além de uma tradição inventada, trabalho no sentido de uma “comunidade imaginada gaúcha”, já que não inclui todos os habitantes do Rio Grande do Sul e, em contrapartida inclui pessoas nascidas em outros estados.

Segundo o Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG, órgão maior do tradicionalismo gaúcho no Rio Grande do Sul, as indumentárias gaúchas obedecerão regras, que são as “Diretrizes para pilcha* gaúcha”. São leis aprovadas em convenções realizadas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, que definem como e quais trajes deverão ser usados nos eventos tradicionalistas. Segue uma das diretrizes:

O Movimento Tradicionalista Gaúcho, reunido na 67ª Convenção Tradicionalista Gaúcha, realizada em 29 e 30 de julho de 2005, na cidade de Tramandaí, aprovou as presentes DIRETRIZES para a “Pilcha Gaúcha”, conforme determina o parágrafo único do Art. 1º da Lei nº 8.813 de 10 de janeiro de 1989, com alterações introduzidas pela 69ª Convenção Tradicionalista Extraordinária, realizada no dia 20 de maio de 2006, na cidade de Bento Gonçalves.

I - DA PILCHA PARA ATIVIDADES ARTÍSTICAS E SOCIAIS

Indumentária a ser utilizada nas atividades cotidianas, apresentações artísticas e participações sociais, tais como bailes, congressos, representações, etc. (...)

2. PILCHA FEMININA

- SAIA E BLUSA OU BATA: Saia com a barra no peito do pé, godê, meio-godê ou em panos.

Blusa ou bata de mangas longas, três quartos ou até o cotovelo (vedado o uso de “boca de sino” ou “morcego”), decote pequeno, sem expor os ombros e os seios, podendo ter gola ou não. (...)

- VESTIDO: Inteiro e cortado na cintura ou de cadeirão ou ainda corte princesa com barra de saia no peito do pé, corte godê, meio-godê, franzido com ou sem babados.

Mangas – longas, três quartos ou até o cotovelo, admitindo-se pequenos babados nos punhos, sendo vedado o uso de “mangas boca de sino” ou “morcego”.

Decote – pequeno, sem expor ombros e seios.

Cores – devem ser harmoniosas, sóbrias ou neutras, evitando-se contrastes chocantes. Não usar preto, as cores da bandeira do Brasil e do RS (combinações)

Na categoria mirim: não usar cores fortes (ex: marrom, marinho, verde escuro, roxo, bordô, pink, azul forte).

- BOMBACHINHA: Branca, de tecido, com enfeites de rendas discretas, abaixo do joelho, cujo comprimento deverá ser mais curta que o vestido.

- MEIAS: Devem ser de cor branca ou bege e longas, o suficiente para não permitir a nudez das pernas.

- SAPATOS: Nas cores preta, marrom e bege, com salto 5 ou meio salto, com tira sobre o peito do pé, que abotoe do lado de fora ou botinhas pretas, marrom (vários tons de marrom). O salto da botinha é de 5cm.

Não é permitido: Uso de sandálias e nem de sapatos abertos com vestidos, saias e casacos e saia e blusa.(em nenhum momento é permitido o uso de sapatos abertos com pilcha feminina).

- CABELOS: Podem ser soltos, presos, semi-presos ou em tranças, enfeitados com flores naturais ou artificiais, sem brilhos ou purpurinas.

* **PILCHA** - o mesmo que indumentária.

- MAQUIAGEM: Discreta de acordo com a idade e o momento social. (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO DO RIO GRANDE DO SUL, 2006)

Todos os frequentadores dos Centros de Tradições Gaúchas, normalmente fazem uso da vestimenta “Típica”, e passam a ser identificados como tal. Os Centros de Tradições Gaúchas tem exposto em suas entidades as imagens, pré-determinadas, onde, na tentativa de se criar uma origem, a fim de fundamentá-la, dividiu-se em épocas o histórico desta vestimenta, que coincidentemente são semelhantes aos modelos publicados nas principais revistas de moda da Europa, por exemplo. As indumentárias foram organizadas em primeira época que vai de 1730 a 1820; segunda época, de 1820 a 1865; terceira época, de 1865 a 1950 e quarta época, de 1950 aos dias atuais. Porém em todas as épocas, analisando os históricos das roupas e possível perceber que a vestimenta da Prenda não é de uso exclusivo do Rio Grande do Sul. Portanto não é típica daquele estado. Segue a imagem da indumentária de um dos períodos para análise:



Figura 1: Gaúcho Fazendeiro e Mulher Rural - Terceira Época
Fonte: ZATTERA, op. cit., p.147



Figura 2: Mulher cidadina e Gaúcho citadino - Terceira Época
Fonte: ZATTERA, op. cit., p.145

A indumentária tida como gaúcha, com todos os elementos que a envolve, não é privilégio exclusivo do Rio Grande do Sul, pois a origem da vestimenta, tal como é apresentada pelas entidades, tidas como Centros de Tradições Gaúchas, e inclusive aceita pelo Estado, através de Lei Estadual,

como vestimenta histórica oficial daquele estado, era usada em diferentes lugares do Brasil e do mundo.

Ao analisarmos a moda feminina entre 1898, nas revista *The Designe – Standard Fashion Company*, um periódico norte americano como mostra a Figura 3, é possível perceber as semelhanças entre as vestimentas apresentadas nestes periódicos, com aquelas apresentadas como indumentária gaúcha da Terceira Época, incluída no mesmo período, 1865 a 1950. Ou seja, a indumentária usada pelas mulheres no Rio Grande do Sul, nos períodos apresentados, são tendências de moda, e não usadas exclusivamente pelas mulheres gaúchas.



Figura 3: Tendência de Moda - 1898
Fonte: The Designe – Standard Fashion Company. New York. April, 1898.

Criou-se em torno da indumentária “típica gaúcha” feminina, uma falsa ideia de vestimenta exclusiva do “gaúcho”, quando através de revistas de moda de determinados períodos, é possível identificar elementos que estiveram presentes nas vestimentas de diversas lugares, e que chegou à América do Sul como consequência do fenômeno moda.

É possível perceber indícios históricos específicos do Sul na indumentária gaúcha masculina, sempre fazendo referência àquelas utilizadas

em guerras. Porém, era necessário criar uma indumentária feminina que remetesse elementos peculiares, como normas e preceitos de civilidade, buscando elementos também históricos, criando efeito de real, e através do imaginário representando um outro contexto. É possível perceber a tentativa de fazer com que o outro a veja como conservadora, representante de princípios e valores, etc, ou seja uma indumentária que preserve o corpo da mulher (BETTA, 2010).

A utilização de vestidos longos, cobrindo o corpo da mulher representa na atualidade valores teoricamente perdidos, que a comunidade gaúcha retoma para legitimar a sua identidade, remetendo aspectos positivos, como é possível observar a partir das imagens e determinações expostas nas próprias diretrizes, elaboradas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho. Logo, o que se vê na imagem é a “representação no sentido de presentificação do ausente”(CHARTIER, 2002, p. 165). Porém, um ausente que um dia existiu, mas não somente naquele espaço.

Mesmo que seja uma imagem fabricada, ela tende a ter semelhanças através da imitação, trazendo “indícios do passado no presente” (BURKE, 2004,p. 16). No que se refere a imagens, segundo Martine Joly:

O ponto comum entre as significações da palavra imagem (imagens visuais/imagens mentais/imagens virtuais), parece ser, antes de mais nada o da analogia, material ou imaterial, visual ou não, natural ou fabricada, uma “imagem” é antes de mais nada algo que se assemelha a outra coisa. [...]. A primeira consequência dessa observação é constatar que esse denominador comum da analogia, ou da semelhança, coloca de imediato a imagem na categoria das representações. Se ela parece é porque ela não é a própria coisa: sua função é, portanto, evocar, querer dizer outra coisa que não ela própria, utilizando o processo de semelhança. Se a imagem é percebida como representação, isso quer dizer que a imagem é percebida como signo. [...] é possível observar uma distinção principal entre os diversos tipos de imagem: existem imagens fabricadas e imagens gravadas. [...] as imagens fabricadas imitam mais ou menos corretamente um modelo ou, como no caso das imagens científicas de síntese, propõe um modelo. Sua função principal é imitar com tanta perfeição que podem se tornar “virtuais” e provocar a ilusão da própria realidade sem serem reais. (JOLY, 1996,p. 39-40)

Como imagem e representação ela vai “parecer”, e não “ser”, mas com o objetivo de evocar o gaúcho através da semelhança, o gaúcho que está no imaginário tradicionalista e que foi idealizado através dos “indícios” selecionados, omitindo aqueles que para tal seriam inconvenientes. A imagem

não é um retrato de uma verdade, nem a representação fiel de eventos ou de objetos históricos, mas assim acontece também na História (tida como oficial) que “é sempre uma construção do presente e que as fontes, sejam elas quais forem, também. Elas são sempre forjadas, lidas e exploradas no presente e por meio de filtros do presente”(PAIVA, 2006, p. 19-20). Assim também é a história contada por meio das práticas e dos discursos do tradicionalismo gaúcho, com o uso de filtros que são convenientes.

A partir da vestimenta cria-se uma imagem do que se quer representar, e a imagem tem grande poder de aflorar à imaginação num retorno a um passado, seria “o impacto da imagem na imaginação histórica. [...] imagens nos permitem ‘imaginar’ o passado de forma mais vívida” (BURKE, 2004, p. 16). As instituições tradicionalistas gaúchas, procuram a todo momento aproveitar-se da fabricação de imagens, imitando aquilo que eles selecionam como convenientes para a manutenção das suas práticas tidas como verdades, criando um patrimônio de imagens à disposição, formando um “museu imaginário”(MANGUEL, 2001, p. 28).

Nos discursos tradicionalistas, o Centro de Tradição Gaúcha foi o espaço criado para preservar os costumes gaúchos, no entanto o CTG não representa tal e qual a forma como os gaúchos viviam no passado. Ao contrário, é fruto de uma seleção material e simbólica cujo interesse não é resgatar tudo como era no passado, mas organizar a produção da memória sobre os gaúchos a partir de um conjunto de símbolos e mitos convencionais.

Logo, a indumentária da “Prenda”, no caso o “vestido de Prenda”, hoje uma vestimenta facilmente reconhecida, é uma indumentária carregada de elementos selecionados, atemporais, que em busca de uma vestimenta “típica” que identificasse a mulher do gaúcho dentro dessa “comunidade imaginada”, foi determinada como exclusiva desta.

À guisa de arremate

No processo de construir sentidos para o passado foram incorporando várias significações ao gaúcho até alcançar a denominação gentilícia. Passou por um processo de construção do sentido de identidade, evocando um componente heróico, decorrente do seu envolvimento em disputas e a luta pela sobrevivência em um passado mais remoto, resultando ao gaúcho uma aura

mítica, consolidando a sua imagem de herói, valente, honesto, hospitaleiro entre outros atributos que o enalteceram. E, para acompanhar o gaúcho, dentro desse contexto, foi necessário idealizar a mulher que o acompanharia, revestida de elementos simbólicos, para tanto foi selecionada a mulher a qual denominaram de Prenda, e resgataram uma vestimenta que confirma a identidade selecionada, imbuída de normas e preceitos de civilidade.

O conjunto de vestimentas femininas escolhidas, que acompanhou a moda de cada período, foi selecionado até o momento em que a mulher era retratada coberta, a partir do momento em que a mulher altera significativamente a sua vestimenta, mais precisamente após a primeira guerra mundial, a comunidade gaúcha não adere como indumentária típica, já que o objetivo era de uma mulher conservadora, imbuída de normas e preceitos de civilidade.

A moda é tida como um diferencial, pois é um fator determinante para a representação. “A moda é um reflexo mutável do que somos e dos tempos que vivemos. As roupas revelam nossas prioridades, nossas aspirações, nosso liberalismo ou conservadorismo” (MANÇÃO, 2005, p.69), logo a comunidade seleciona o período que traz o atributo conservador a tona, para melhor representar a mulher gaúcha.

As práticas criadas pelo movimento tradicionalista gaúcho procuram, a todo instante, garantir uma imagem desse gaúcho idealizado, e criam um paralelo com o passado (atemporal), a fim de legitimá-las. Procuram indícios e criam todo um imaginário, posteriormente organizam regras para que essas práticas imaginárias permaneçam da maneira como foram criadas, com o intuito de passarem a serem vistas como uma tradição, porém uma tradição inventada. Ao mesmo tempo em que buscam indícios no passado é nítida a tentativa de omitir alguns fatos em favor daquilo que é conveniente para o movimento.

Bibliografia:

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

BETTA, Edinéia Pereira da Silva. *Gauchismo no Vale Europeu*. Blumenau: Nova Letra, 2010.

- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauri: EDUSC, 2004.
- CHARTIER, Roger. *Poderes e limites da representação*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- CRANE, D. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo, Senac, 2006.
- FAGUNDES, Antonio Augusto. *Curso de tradicionalismo gaúcho*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1994.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- JOLY, Martine. *Introdução à análise da história*. Campinas: Papirus, 1996.
- MANÇÃO, Maysa. *Enciclopédia da moda*. 1 ed. São Paulo: Senac, 2005.
- MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Diretrizes para a Pilcha Gaúcha*. Bento Gonçalves: MTG, 2006.
- OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil - Nação*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- PAIVA, Eduardo F. *História e imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Gaúcho: mito e história*. Porto Alegre, v. 24, n. 03, Letras de Hoje, 1989.
- SAVARIS, Manoelito Carlos. *Rio Grande do Sul: história e identidade*. Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha – MTG, 2008.
- The Designe – Standard Fashion Company*. New York. April, 1898.
- ZATTERA, Véra Stedile. *Gaúcho: vestuário tradicional e costumes*. Porto Alegre: Editora Pallotti, 1997.